

29/7/1984

O sindicalista Ferreira chora os bons tempos

Geraldo Hasse

Em todos os acordos diretos entre "bóias-frias" e empregadores de Sertãozinho, o posto da Secretaria do Trabalho faz questão da presença do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município, a fim de dar legalidade ao documento e criar condições para que seu descumprimento possa dar origem a uma denúncia formal à Justiça do Trabalho.

Os funcionários do posto chegam a esperar duas ou três horas até que a autoridade sindical se disponha a cumprir sua obrigação. Alcides Ferreira, 60 anos, desde 1967 na presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sertãozinho (2.800 sócios), é um reflexo do setor.

Questionado sobre a importância do acordo de Guariba, Ferreira argumenta, meio sem vontade, que "isso não é novidade para Sertãozinho", onde o primeiro dissídio coletivo rural foi assinado em 1976. Um dia depois de Guariba, os trabalhadores rurais de Sertãozinho assinaram também seu acordo, adotando as mesmas cláusulas firmadas em Jaboticabal no dia 17 de maio de 1984.

Volta ao passado

Pouco à vontade para discutir os problemas atuais, Ferreira afirma que a melhor época para os trabalhadores rurais da cana foi "por volta de 1948", quando "o pessoal recebia comida e ferramentas sem desconto no salário". Segundo sua interpretação, portanto, "o acordo de Guariba é uma volta ao passado".

Para ele, as dificuldades na aplicação do acordo de Guariba surgiram com a modernização da atividade canavieira. "Complicou tudo", diz, citando os guinchos mecânicos que, ao misturarem as canas de diversos cortadores, impedem o controle da produção individual.

"Ninguém rouba"

"Roubar, ninguém rouba", garante, referindo-se aos preços pagos aos trabalhadores. Entretanto, continua, "o acordo de Guariba só funciona para a cana nova, de primeiro corte, que é mais pesada". Já quanto às canas de segundo e terceiro corte, que apresentam menor rendimento, "o pessoal vai morrer trabalhando sem ganhar nada."

Homem de idéias pouco claras, Alcides Ferreira incomoda-se com o fato de Guariba ter virado um marco das reivindicações dos trabalhadores da cana, cultura que na região nordeste paulista teve origem em Sertãozinho.

"Muito metalúrgico"

Mesmo assim, ele não parece disposto a reconhecer que sua época já passou. Ao mesmo tempo que evita responder a qualquer pergunta sobre onde estão seus companheiros de diretoria e qual a data das próximas eleições em seu sindicato, Ferreira divaga em torno da "falta de prática" dos cortadores de cana da região. "Tem muito metalúrgico desempregado que foi para a lavoura e não sabe nem pegar o podão", acusa.